

E SE LÁZARO BARATO TIVESSE VENCIDO AS ELEIÇÕES?

O Partido da Imprensa Golpista - PIG local continua em ação na velha Franca do Imperador, apesar da perda de audiência e de importância. Derrotadas e esfaceladas as pequenas e minoritárias frações sobreviventes de esquerda da política local (não há nenhum vereador de esquerda na Câmara), o PIG alerta que brigam entre si pelos espólios do poder a direita tosca versus a direita obtusa. Tucanos e demistas (dois lados da mesma moeda podre) se bicam sem parar, enquanto a cidade continua deitada no berço esplêndido de sua desigualdade social e baixa renda, de sua precariedade cultural, de seus ínfimos padrões educacionais, das periferias e suas habitações insalubres, de sua extensão territorial predatória cujo processo de exclusão social é marcado pelas horas perdidas pelos mais pobres em ônibus sacolejantes, insuficientes e caros, pelas mazelas da saúde pública, pela falta de perspectivas de melhoria de vida da maioria.

Vejo gente se esgoelando e reclamando do atual prefeito Gilson de Souza (DEM) a cada decisão (geralmente ruim) que toma, sempre atacada com virulência pelos tucanos liderados pelo seu derrotado candidato Sidnei Rocha, como se o atual governo fizesse algo diferente do que foram os doze anos de tucanato na prefeitura. Clientelismo, reacionarismo, autoritarismo, ausência de efetiva participação da sociedade na condução da administração pública, inexistência de ideias novas para velhos problemas de educação, saúde e mobilidade, suspeitas de corrupção, tudo isso existiu enquanto estiveram no governo. Afinal, do que se queixam?

Tudo isso me lembra os primeiros anos da década de 80, quando fui um dos fundadores e militante do PT local. Para marcar posição, nosso pequeno e aguerrido grupo lançou um anticandidato a prefeito de Franca, Lázaro Barato, um modesto gráfico que nunca havia se candidatado a nada antes. Não tínhamos experiência, recursos, apoio político, nomes conhecidos, só a vontade expressa de participar da “festa da democracia” nos estertores da ditadura.

O fato é que fizemos a campanha do Barato sem recursos, foi uma campanha barata de fato, mas não deu “barato” pra ninguém, fomos os últimos colocados. Hoje, em plena velhice, fico imaginando se tivéssemos vencido aquelas eleições. Nem de longe seríamos como aqueles que mandam hoje em pleno estado de exceção em que vivemos. Tínhamos compromisso com ideias novas, com outra maneira de fazer política, com participação, democracia e transformação social, objetivos ainda longe de ocorrer neste país que os governos do prisioneiro político Lula mal arranharam e cujo sucesso fez despertar o fascismo escondido e o ódio da casa grande pelos pobres e desvalidos, neste gigante que continua tão profundamente desigual e injusto, a andar célere de volta ao passado.

Mauro Ferreira é arquiteto